

Rizoma e pós-estruturalismo: três apontamentos para possíveis usos na pesquisa em educação

Rhizome and post-structuralism: three notes for possible uses in educational research

Rizoma y postestructuralismo: tres notas para posibles usos en la investigación educativa

Claudia Madruga Cunha - Universidade Federal do Paraná | Pró-Reitoria de Extensão e Cultura | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: claudiamcunha@ufpr.br | 

Resumo: Nesse ensaio trazemos três apontamentos sobre a filosofia deleuziana, que elaboram uma análise de conteúdo epistemológico com o objetivo de refletir os possíveis usos dessa teoria na fundamentação de pesquisas de pós-graduação desenvolvidas pelo Grupo Rizoma ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. A proposta é desdobrar o rizoma, conceito criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, traçando, a partir destes três pontos, um modo de orientação nesta filosofia das multiplicidades. O primeiro apontamento trata da criação de conceitos e métodos que formam a filosofia de Deleuze; o segundo analisa o texto *Em que se pode entender como estruturalismo?*; e o terceiro, os elementos e princípios do Rizoma, texto e conceito que foi escrito e criado junto a Félix Guattari. Entendemos que esses três momentos perfazem um percurso interessante e necessário para quem quer fazer uso das abordagens da filosofia da diferença em processos especulativos do campo da educação.

Palavras-chave: Rizoma. Pós-estruturalismo. Pesquisa em educação.

Abstract: In this essay we bring three notes on Deleuzian philosophy, which elaborate an analysis of epistemological content in order to reflect the possible uses of this theory in the foundation of postgraduate research developed by Grupo Rizoma linked to the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Paraná. The proposal is to unfold the rhizome, a concept created by Gilles Deleuze and Félix Guattari, tracing from these three points a way of orientation in this philosophy of multiplicities. The first note deals with the creation of concepts and methods that form Deleuze's philosophy; the second analyzes the text *What can be understood as structuralism?* and the third, the elements and principles of the Rhizome, text and concept that was written and created with Félix Guattari. We understand that these three moments make an interesting and necessary path for those who want to make use of the approaches to the philosophy of difference in speculative processes in the field of education.

Keywords: Rhizome. Post-structuralism. Education research.

Resumen: En este ensayo traemos tres apuntes sobre la filosofía deleuziana, que elaboran un análisis de contenido epistemológico con el fin de reflejar los posibles usos de esta teoría en la base de la investigación de posgrado desarrolladas por el Grupo Rizoma vinculado al Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Paraná. La propuesta es desplegar el rizoma, concepto creado por Gilles Deleuze y Félix Guattari, dibujando a partir de estos tres puntos un camino de orientación en esta filosofía de multiplicidades. La primera nota trata de la creación de conceptos y métodos que forman la filosofía de Deleuze; el segundo analiza el texto ¿Qué se puede entender por estructuralismo?; y el tercero, los elementos y principios del Rizoma, texto y concepto que fue escrito y creado con Félix Guattari. Entendemos que estos tres momentos constituyen un camino interesante y necesario para quienes quieran hacer uso de los enfoques de la filosofía de la diferencia en procesos especulativos en el campo de la educación.

Palabras clave: Rizoma. Postestructuralismo. Investigación en educación.

Introdução

Esse ensaio reúne alguns estudos sobre o conceito de Rizoma elaborado por Gilles Deleuze [1925-1995] e Felix Guattari [1930-1992], através dos quais traçamos um percurso da criação de sua filosofia da diferença antes e depois do encontro entre esses dois pensadores. Esta trama tem servido de fundamento metodológico e inspiração ética e estética para pensar nossas pesquisas no campo da educação superior e básica. Talvez o que buscamos quando nos aliamos a essa filosofia para construção de aportes especulativos no campo da educação seja encontrar um processo metodológico, uma perspectiva elucidativa que nos ajude a traduzir por outra fundação ontológica aquilo que andamos praticando e refletindo, porém que ainda não conseguimos ilustrar. Uma pesquisa em educação que se aproxime de uma filosofia está naturalmente envolvida com a especulação e com a prática. Ao lermos e estudarmos Gilles Deleuze, vamos associando a teoria à prática. Embora o que nos conduza à pesquisa sejam nossas práticas, há na abertura de um processo especulativo um estado de coisas e de relações que demandam uma atenção.

Atender a essa inquietação passa por organizar um plano conceitual e, com ele, criar uma espécie de tessitura, que amplia a direção do olhar sobre o que se passa e, ao mesmo tempo, o redireciona em um plano metodológico (das posições, relações, movimentos e séries) que se conecta à análise do como se apresenta o contexto em foco. Costumamos olhar para o que fazemos na educação, para como determinadas práticas se associam a processos institucionais e educativos e a eles se articulam como partícipes ou cúmplices de determinadas tradições quando entendemos que há no nosso fazer um movimento que vai em direção a uma prática da diferença.

Creemos que essa teoria das singularidades, das intensidades, das multiplicidades, dos fluxos, das subjetivações, dos devires, das hecceidades, com sua crítica radical à tradição ontológica, à metafísica do ser, à racionalidade moderna, faz alterar todo um conjunto de valores que orientam nossa docência em um amplo sentido. E desse modo, vem aos poucos deslocando esses sentidos instigando-nos a fazer diferente. Não um agir diferente panfletário, mas um que nos move a alcançar as passagens do meio, o entre das paisagens, o entre passagens e percursos, o entre frestas que a própria vida de uma comunidade, cidade, sociedade, onde uma escola ou instituição educativa se instala, vai oportunizando no movimento natural das coisas da vida algo na direção de um outro agora.

Deleuze impaciente nossa vida de professoras quando diz que “nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e flora. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, e eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 19). Pois, ele assim diz que vivemos através de outros, somos algo por esses outros que passam por nós. Porém reflete “[...] todos os povoados, todas essas multidões não impedem o deserto não impedem nossa ascense” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 19). Os lugares nos quais trabalhamos e as práticas que realizamos entre grupos, bandos, turmas, passam por esse deserto, não o impedem, até mesmo o habitam. O deserto, conforme Deleuze em entrevista a Parnet (DELEUZE; PARNET, 1998), é a experimentação sobre nós mesmos, ele é nossa única identidade. Dito de outra forma: em cada uma de nós, professoras há como que uma ascense, uma parte dirigida de algum modo contra nós mesmas. Quando não nos impedimos de pensar, perguntamos o que fazer com os traçados incompletos.

Com base em três apontamentos sobre a filosofia deleuziana, refletimos neste ensaio sobre nossas próprias pesquisas. Nosso esforço é conduzi-las pelo modo rizomático através da filosofia deleuziana e da filosofia deleuziana-guattariana. Os apontamentos resultam de estudos que almejam elucidar através dessa análise pesquisas que tratam de práticas da diferença, acontecimentos que se apresentam nas ordens do ensinar e do aprender, experimentações em arte e educação que vem sendo produzidas ou provocadas no atual contexto educacional, atravessado pelas ordens do social, do político, do econômico e do cultural. Buscamos dialogar com essa nova teoria da expressão (NEGRI, 2019), com essa espécie de nova ontologia da diferença, tema perseguido por Gilles Deleuze, cuja obra múltipla se abriu a dialogar com as criações políticas, éticas e estéticas do seu tempo e para além dele. Topou-se com Félix Guattari num encontro potente que possibilitou o rizoma, elemento chave em nossa reflexão. Filósofo inquieto, criou conceitos, métodos e metodologias que nos alcançam e transformam nos modos de pesquisar

O primeiro apontamento que trazemos, assim, com ajuda de vários comentaristas, trata da filosofia de Gilles Deleuze em sua relação com a fase precursora do pós-estruturalismo na França. Ali foi desenvolvendo seu pensamento num duplo movimento entre filosofia e para além da filosofia. Como disse Machado,

[...]sua filosofia é um sistema de relações entre conceitos oriundos ou extraídos da própria filosofia, isto é de filósofos por ele privilegiados – principalmente Espinosa, Nietzsche e Bergson – e, por outro lado, conceitos suscitados ou sugeridos por outros tipos de pensamento, isto é, pelo exercício de pensamento não conceitual que se encontra nas ciências, nas artes, na literatura (MACHADO, 2010, p. 9).

Ao estudar e analisar os conceitos de filósofos da tradição (alguns nem tão conhecidos ou pautados), Deleuze criou novos conceitos e propôs métodos e metodologias, próximo que estava do movimento estruturalista. O segundo apontamento apresenta através do texto: *Em que se pode entender como estruturalismo?* (DELEUZE, 2010), o vínculo de Deleuze com o movimento estruturalista tal qual ele próprio o definiu. Assim, se primeiro buscamos situá-lo no quadro rupturante do prefixo pós, em seguida evidenciamos que esta superação não se faz através de negação, mas do reconhecimento de influências e convergências. O terceiro apontamento, por fim, consiste na elaboração dos elementos e princípios do Rizoma, tais quais trazidos em *Mil Platôs 1*, cujo texto e conceito foi escrito e criado junto com Félix Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Pela nossa perspectiva, esses elementos e princípios são uma espécie de coroamento de um percurso, que buscou por refundar o que se tinha até por fundamento em filosofia. Interessa lembrar que *Diferença e Repetição*, Deleuze (2000) propõe uma inversão da tradição da ontologia que nos chega através da perspectiva platônica.

Fechamos o texto com a mesma reflexão que o abrimos, olhando para nossas pesquisas e expondo através delas como essa teoria tem nos alcançado. Esse percurso para nós se mostrou necessário para desdobrar o entendimento do Rizoma deleuziano-guattariano, a fim de favorecer uma aproximação dessa abordagem com a pesquisa que se faz em educação.

Esse percurso, definido por três pontos, não tem a pretensão de se impor como início, meio e fim, tampouco como uma cartilha desta múltipla filosofia. A proposta busca que tais apontamentos sirvam como pontos de referência, como aqueles do mapa de um museu ou do metrô, “você está aqui”, um ponto em um emaranhado de linhas. Um meio de orientação. Percorridos estes três apontamentos, concluímos que a refundação ontológica e metodológica (especulativa) do pensamento filosófico proposta por Deleuze, acaba por atingir as ciências humanas de modo geral e pode vir a sensibilizar novos modos de análise das práticas educativas ou quem sabe nos aproxime de uma educação da diferença.

Apontamento 1 - De quantas filosofias se faz um Rizoma?

Para dar conta das motivações que levaram Gilles Deleuze a propor o conceito de Rizoma, é preciso dar lugar ao contexto no qual esse autor realiza sua formação em filosofia, torna-se professor e cria seu estilo filosófico, considerado por muitos, difícil e complexo. A complexidade dessa filosofia aponta para um pensador sensível e inquieto, que absorvia e se transformava com as dinâmicas rupturantes, as reviravoltas político-culturais produzidas e

refletidas em vários campos. Eram os tempos da ressaca do pós-guerra, aquele momento imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando realizou seus estudos¹. Momento de profundas mudanças no cenário artístico, filosófico e científico. O conturbado ambiente intelectual francês dos anos 1950 e 60, de contestação e de contracultura, permeou o estilo filosófico de Deleuze.

Como expressão dessa contestação, essas décadas foram marcadas pela ascensão do movimento estruturalista que exalava certa aversão a cultura ocidental tradicional e buscava novos modelos que revisassem o modernismo (PETERS, 2000). O estruturalismo segundo Dosse (2018, p. 26) possuía “[...] uma extrema sensibilidade para tudo que foi recalcado nessa história”. Para Willians (2013), a perspectiva estruturalista tinha pretensão de construir um conhecimento que se queria seguro, evitando envolver no interior das estruturas a diferença; ou seja, evitando os movimentos, relações e ocupações de espaços livres, que permeiam os limites irregulares dessa estruturas².

Conforme Dosse, o estruturalismo “se identificou com toda história intelectual francesa a partir de 1945” (2010, p. 15). Envolveu vários campos de saber que experimentavam novas metodologias nas ciências humanas, foi “um movimento de pensamento, uma nova forma de relação com o mundo, muito mais amplo que um simples método específico para um determinado campo de pesquisa” (DOSSE, 2018, p. 16). O que os diferentes campos das ciências humanas tinham em comum na sua relação com o estruturalismo era o estudo dos sistemas formais, a partir da problemática da linguagem proposta por Saussure (1999). Só que, para Saussure, língua e fala se separam, tendo a primeira o privilégio de estabelecer suas próprias normas e regras; nesse sentido, a primeira é logicamente auto-organizada já a segunda é inconstante e disruptiva. Junto aos estudos da linguagem duas ciências faróis do momento – a antropologia e a psicanálise, privilegiavam o avesso do sentido manifesto.

No campo mais estrito da filosofia eram tempos de um nostálgico existencialismo sartriano, de uma retomada do pensamento nietzschiano (PETERS, 2000) e de atenção aos

¹ Deleuze entre artigos, estudos e publicações mostrou interesse por diferentes filósofos: Hume, Bergson, Nietzsche, Kant, Leibniz, Foucault; e, pelo cinema, arte e literatura. Nesses apontamentos não pretendemos esgotar sua obra, apenas trazer uma composição que nos permite pensar as relações que nessa obra nos convocamos a fazer.

² Para os estruturalistas a língua é uma estrutura autônoma, que cria suas próprias regras, ela é algo objetivo que faz a mediação entre o pensamento subjetivo e que está fora do pensamento, o mundo da vida. Os acontecimentos do mundo da vida provocam o pensamento a se explicitar fazendo uso da linguagem que é abstrata e possui regras rígidas. Por outro lado a fala, ao manifestar o que o pensamento interpreta é interferida por uma carga de emoções, sentimentos, simbologias e por isso é relegada ao não científico; posteriormente remetida ao simbólico.

consagradas autores Hegel [1770-1831], Husserl [1859-1938] e Heidegger [1879-1976] (cf. DOSSE, 2010, p. 119). Nas raízes do pós-estruturalismo, há uma base unificadora, que em grande medida se dirige a ser antagônica ao pensamento hegeliano. “Deleuze foi quem mais profundamente desvencilhou-se dos problemas do anti-hegelianismo e construiu um terreno alternativo para o pensamento – que já não é pós-hegeliano e sim separado do problema de Hegel” (HARDT, 1996, p. 12).

Para Hardt (1996), é preciso compreender que na postura filosófica deleuziana não há uma rejeição ao pensamento filosófico ocidental, mas a afirmação de outros elementos de uma mesma tradição que se propõe como um discurso pós-filosófico ou pós-moderno. Zourabichvili (2016, p. 27) comenta que em relação à tradição filosófica, a perspectiva deleuziana antecipa uma via para “a extinção do nome ‘ser’, e, portanto, da ontologia”. Afirma também que não há uma ontologia de Deleuze, nem um sentido vulgar de um discurso metafísico. Afinal, para essa filosofia o que existe “sobretudo são fluxos, não substâncias; sobretudo, linhas e não pessoas” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 26).

Deleuze foi um filósofo “[...] que questionou de ponta a ponta as condições da experiência, insatisfeito com Kant e com a fenomenologia (o notório uso que ele fez de Nietzsche [1844-1900] e de Bergson [1844-1941] entra nesse quadro)” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 27). Em estudo mais recente, Lapoujade (2015) interpreta que o problema mais geral a ser desenvolvido no pensamento deleuziano não diz respeito a tratar de imanência, de uma ontologia dos fluxos ou do virtual, uma vez que o foco de sua análise são os movimentos aberrantes.

O pensamento deleuziano se constitui para Lapoujade (2015) como uma tentativa rigorosa, sistemática de inventariar os movimentos aberrantes, todo fluxo que se move entre matéria, vida, pensamento, natureza, até mesmo a história das sociedades. Os movimentos aberrantes são aqueles que desnaturalizam uma noção de processo, pois trocam a sequencialidade por uma ruptura ou acontecimento se perde. Essa brecha permite a descontinuidade de uma personalidade e ao mesmo tempo o acesso a algo *a mais da realidade*³ por onde circulam natureza e história; organismo e espírito (DELEUZE, 1974 *apud* LAPOUJADE, 2015).

Deleuze, especialmente na década de 1960, publica várias monografias e se utiliza de uma metodologia que denomina arte do retrato (DELEUZE, 1992, p. 169). As suas publicações desse período, tais como: Nietzsche, Bergson e Espinosa, trazem contribuições fundamentais para a

³ Os grifos são nossos.

proposição da tese *Diferença e Repetição* (DELEUZE, 2000)⁴. A primeira delas, sobre Hume, foi a única publicada ainda na década anterior, no ano de 1953. São estudos sobre autores da história da filosofia, pensamentos que Deleuze analisa com estilo muito próprio. Estilo que faz uso de um processo metodológico com o qual mapeia os conceitos principais do autor e a relação desses conceitos com outros que o margeiam.

Hume⁵ o leva a concluir que o sujeito é em primeiro lugar uma duração, um hábito; que o sujeito é criado pela crença no próprio conhecimento que ele mesmo funda para ser refundado por ela. Já a subjetividade, por sua vez, é uma invenção do sujeito da moral e da política que se autoimplicam em dimensões psicológicas e sociais. Essas observações tendem a redesenhar a ideia de fundamento epistemológico que movimenta uma metafísica da tradição, afinal a partir de Hume, o espírito já não preexiste aos seus conteúdos, o espírito precisa da experiência para explicar o próprio funcionamento (DOSSE, 2010).

Deleuze começa por aí um trabalho de revisão de alguns conteúdos centrais da história da filosofia. Machado analisa que

[...] toda leitura realizada por Deleuze tem um caráter instrumental [...] nos surpreendemos ao vê-lo roubar uma idéia, um conceito, de uma filosofia que pensada em seu conjunto, encontra-se nos antípodas das posições da própria filosofia” (2009, p.30). Para o comentador, “estes estudos já se faziam por mostrar que fazer filosofia é muito mais que repetir ou repensar filósofos (MACHADO, 2009, p. 11).

Deleuze reivindica para a análise filosófica a observação do processo de criação de conceitos dos pensadores, o modo como funcionam seus pensamentos, numa espécie de engrenagem na qual um conceito remete a outro, que remete a criação conceitual. Essa fase monográfica possui dois aspectos:

[...] sua leitura dos filósofos e não filósofos e a constituição de seu próprio pensamento filosófico. Mas não se trata de dois aspectos fundamentalmente heterogêneos, pois os estudos monográficos que realiza são guiados por sua problemática filosófica e, inversamente, a filosofia que produz é o resultado das inter-relações conceituais feitas a partir de suas leituras filosóficas (MACHADO, 2009, p. 33).

Ainda conforme Machado (2009), esse duplo aspecto implica que o ponto central da filosofia de Deleuze: criar as condições de validação de um pensamento que não se subordina a nada, senão à força do acontecimento. Essa questão encaminha um pensar que não se depende de nenhum pressuposto moral, nenhum sistema linguístico, ou tradição histórica. Os tempos de

⁴ No original Francês *Différence et répétition*, (1968) e *Logique du sens* (1969).

⁵ Tese de licenciatura concluída em 1947, publica na França sob o título *Empirisme et subjectivité*, em 1953.

influência estruturalista marcam em sua obra a busca de estilo, de uma criação de metodologia própria, no qual o pensamento de autores selecionados sofreu um agenciamento ou uma colagem para formação da filosofia deleuziana.

Willians (2013) propõe de forma simplificada que o pensamento deleuziano, nessa fase em construção, pode ser entendido como sendo a busca pela interpretação do que vem antes do que está fixado pela estrutura da linguagem e da representação, assim, a [...] “Filosofia de Deleuze é sobre repetir tornando algo diferente e evitando a representação” (p. 84). Na tese, *Diferença e repetição*, de modo geral o que o filósofo quer criticar é a representação e a identidade do conceito. Analisando a produção dessa filosofia em relação ao seu contexto, marcado por complexas pressões sociais e teóricas, pode-se dizer que se propunha como alternativa à tradição filosófica vinda da modernidade. Quer, especialmente, escapar da fundação hegeliana, que entre outras teorias da tradição adentra o século XX sem solucionar as exigências contemporâneas. Hardt interpreta que o pós-estruturalismo deleuziano,

[...] não se orienta simplesmente para a negação de fundamentos teóricos, mas sim para a exploração de novas bases de investigação filosófica e política; se envolve não apenas com a rejeição da tradição do discurso político e filosófico, mas, o que é mais importante, com a articulação das linhagens alternativas que nascem da própria tradição (HARDT, 1996, p. 9).

Essas novas bases sob as quais Deleuze (2000) quer fundar sua filosofia vasculham um fundo problemático sobre o qual se assenta o pensamento da tradição, pois esse se produz e se reproduz junto às imagens que cria. Na sua crítica ao primado da identidade que vem desde Platão e é retomado em Hegel, esse mundo que se define por aquilo que dele é representado sob a força de uma perspectiva de entendimento único sobre o real mostrou que o pensamento moderno nasceu da falência dessa expressão limitante e já não sustenta a identidade do sujeito que propõe [macho, branco cristão, burguês]. No prólogo de *Diferença e repetição* (DELEUZE, 2000) se pode ler que [...] “todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um efeito ótico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e repetição”. Quis Deleuze expressar que a existência é múltipla e diferente, o que se passa por igual no mundo da vida se passa a força de uma repetição demandada e exigida pelo sujeito ou pelas forças que o controlam.

As formas da representação consistem em uma arquitetura que se impõe forçosamente sobre o pensar, como uma filosofia da consciência possui uma tendência de se organizar ora como lugar da avaliação ora como autorretrato, numa espécie de ciclo vicioso. Ciclo que não

desce ao chão. A solicitação de que a filosofia se envolvesse com as questões da vida, socio-históricas, político-culturais, fora já uma exigência de Nietzsche. Para Peters (2000), Nietzsche terá um papel fundamental na produção da filosofia de Deleuze e para todo o pós-estruturalismo francês,

[...] com sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade de interpretações com a centralidade que ele concede a questão de estilo, visto como crucial tanto filosófico como esteticamente, para que cada um se supere a si próprio em um processo de perpetua autodevir com sua importância dada ao conceito de vontade potência e suas manifestações como vontade de verdade e vontade de saber (PETERS, 2000, p. 32).

Deleuze (2018) localiza em Nietzsche o jogo da diferença e o utiliza como um elemento central de ataque à dialética hegeliana. Temos que considerar que se opor a Hegel era também se opor ao idealismo que se colocou como uma imagem do pensamento instalada desde os primórdios pela filosofia grega. A busca de Deleuze é fugir às repetições mecânicas e estereotipadas que atuam em nós e fora de nós, das quais não costumamos acessar pequenas diferenças, variantes e modificações. Des-ocultar as repetições ocultas e disfarçadas, animadas pelo movimento constante da diferença para que essas não restituam em nós e fora de nós repetições nuas, mecânicas e estereotipadas. A tarefa que o filósofo se impôs pretendeu tirar do status de simulacro a repetição que já incide sobre repetições e as diferenças que já incidem sobre diferenças, uma vez que a tarefa da vida é fazer com que esses dois movimentos coexistam: a repetição num mesmo espaço em que se distribui a diferença.

A leitura de Nietzsche o faz considerar que a própria filosofia, “não deve mais ser reflexo de seu tempo, mas sim uma aventura que visa um modo de radicalização crítica contra seu tempo para fazer surgir daí um caráter intempestivo, inatual das suas indagações, as forças criativas” (DOSSE, 2010). Há um método extraído dessa leitura, chamado de método de dramatização, esse consiste em se perguntar não sobre “o que é?”, mas “quem é”, que está por detrás da questão, quais interesses esse sujeito está monopolizando ou quais forças está movimentando no fenômeno estudado. De que lugar está se tratando de determinado tema ou assunto. Esse *quem* mostra que há um discernimento subjetivo de uma ação por detrás do conceito, ação que implica um querer dar conta do mundo da vida.

A lógica é substituída por uma topologia e uma tipologia; há interpretações que supõem uma maneira baixa ou vil de pensar, de sentir e mesmo de existir; há outras que dão testemunho de uma nobreza, de uma generosidade, de uma criatividade..., de modo que as interpretações julgam, antes de tudo, o “tipo” daquele que interpretam, e renunciam à questão “que é?” para promover a questão “Quem?” (DELEUZE, 2010, p. 157).

Esse método de dramatização começa por revisar a concepção dualista platônica, que separa essência e aparência, deslocando-se para uma tripla função de filosofia: a tipologia, que localiza as forças, a sintomologia que avalia as forças na condição de uma vontade de potência e a genealogia que legisla tais forças. Outra questão pautada pela leitura de Nietzsche é que toda interpretação já é de uma interpretação ao infinito. Sob essa influência será buscada uma lógica topológica ou tipológica na dinâmica entre pensamento e vida.

Para Lapoujade (2015), a temática que atravessa o *Diferença e repetição* consiste em problematizar que direito se tem de definir o pensamento com essa ou aquela imagem. Trata-se de buscar uma diferença sem negação, que não se subordine ao idêntico, nem a oposição nem a contradição. Localizar um conceito de repetição que não se refira às repetições físicas mecânicas ou nuas; mas que diga respeito à repetição do mesmo envolvimento nas estruturas profundas de uma repetição oculta (DELEUZE, 2010). A tese *Diferença e repetição* faz avançar a perspectiva estruturalista, pois a repetição não deixa de ser pensada como estrutura. Porém passa a ser entendida como uma geografia limitante entre outras estruturas sobrepostas e limítrofes que o pensamento, forçado pelo acontecimento, tem que se defrontar.

Deleuze nunca deixará de criticar a noção de fundamento em toda sua obra (LAPOUJADE, 2015). O ponto de partida de *Diferença e repetição* será denunciar as insuficiências e as ambiguidades próprias ao fundamento de Platão e Hegel, passando por Descartes e Leibniz. Para Deleuze todas as tentativas da tradição de criar um fundamento ou começo para a filosofia fracassaram. O que requer ir ao início ou para além mesmo de todo fundamento.

Outros dois autores serão fundamentais para Deleuze propor sua filosofia da diferença são Bergson e Espinosa. Deleuze realiza estudos sobre Bergson desde a década de 1950, mas quando publica o *Bergsonismo* (1999), em 1966, sua leitura sofre uma reorientação. A leitura de Deleuze de Bergson propõe uma revisão do processo negativo de determinação. É preciso colocar os problemas de modo claro dizia junto com Bergson. O método monista de Bergson, no qual não prevalecia um sistema filosófico binário, serve bem aos seus propósitos de reverter a ontologia. Essa filosofia será fundamental para construção de sua lógica da multiplicidade.

O plano metodológico determina que a diferença esteja entre as coisas e o plano ontológico mostra que o ser das coisas está entre outras coisas, em suas diferenças de natureza. No texto *A concepção da diferença em Bergson*, Deleuze mostra que “o problema da diferença de natureza e o da natureza da diferença” (DELEUZE, 2010, p. 48). [...] é a grande sacada da filosofia bergsoniana. Em Bergson (apud DELEUZE,

1999) há uma noção de diferença de natureza entre as coisas que provoca a se pensar que não pode haver uma diferença interna derivativa. As diferenças de natureza estão entre as coisas, a percepção conduz a ideia de diferença interna e não o contrário (CUNHA, 2019,246).

Nesse sentido, Deleuze vai dizer que o conceito de diferença implica a coisa vivida sem que essa receba uma finalidade de fora. A diferença implica algo novo e singular, no traço de um processo intuitivo movido por um impulso vital, algo que dura na memória. Na obra de Bergson, os planos metodológico e ontológico se bifurcam e produzem um atravessamento. Tais planos formam um outro, o plano cosmológico (DELEUZE, 2010). O conceito da diferença em Bergson se encontra com a síntese disjuntiva, que diferente da síntese kantiana, manobra a diferença de natureza e a natureza da diferença; algo em torno de uma série bifurcante e ramificada, que ao final afirma em meio, mundo e natureza, no qual ambos fundam momentaneamente outra.

Comentando outro estudo já realizado (CUNHA, 2019), tal síntese disjuntiva mostra-se como a bifurcação da passagem de um estado a outro para alcançar uma afirmação. Deleuze lê Bergson através de Nietzsche, quando diz que essa bifurcação se dá pelo eterno retorno e implica o indivíduo no seu próprio acontecimento. No foco de afirmar a diferença, pode-se entender que tudo muda o tempo todo, em estado de natureza, a duração é que faz com que os movimentos da matéria retornem em graus para a natureza da qual difere. Contudo, o retorno do mesmo não favorece a volta do que existe pelo menos não ao mesmo lugar, embora possibilite atribuir a mesma coisa – aqui está a bifurcação ou a sobrecodificação – tanto ao que ocorre como ao que se diz sobre. Logo, há por aí um encontro entre acontecimento e sentido. Encontro no qual o conceito de diferença vai levar a univocidade e não a unidade. Para Deleuze, tal univocidade leva a concluir que aquilo que existe é ao mesmo tempo múltiplo e diferente (DELEUZE, 1974).

O estudo *Espinoza e o problema de expressão* (DELEUZE, 2017) foi publicado em 1968. A leitura de Deleuze sobre Espinosa também será marcada pelas marcas de análise nietzschiana, como todas as escritas e publicações dessa fase antes e logo após de *Diferença e Repetição*. Deleuze encontra pontos em comum entre esses dois filósofos. Como disse Hardt (1996), com Bergson Deleuze desenvolve uma ontologia. Passando por Nietzsche vai colocar essa ontologia em movimento para a constituição de uma ética, com Espinosa essa ontologia e ética se movem em direção a uma política. Essa leitura permite resumir como Deleuze faz uso da ética nietzschiana e da ontologia bergsoniana, conduzindo-as para o campo da prática, e, ao reunir o espinosismo a estas duas, para o mundo da prática.

Deleuze vai interpretar que a ontologia espinosista é uma política, já que “os princípios que anima o ser são aqueles mesmos que animam uma ética e uma constituição política” (HARDT, 1996, p. 102). É nesse sentido que o mesmo encontra na *Ética* espinosista⁶ dois momentos: um especulativo e analítico; outro prático e sintético. Pesquisa e prática assim se integram. Localizará ainda um sistema de poder entre a espontaneidade e a afetividade, entre ações e paixões, alegrias e riquezas. Por fim, também encontrará o conceito de ser singular que servirá para sua análise da singularidade, o ser singular não é distinto de ou diferente de qualquer coisa fora de si mesmo, se o fosse não poderia ser acessado. Assim, a especulação espinosista permite a Deleuze distinguir o singular como aquele que difere em si mesmo. A política que surge em Espinosa envolve a questão do corpo. É preciso colocar a questão do poder em relação ao corpo. A respeito dessa apropriação de Deleuze do espinosismo, disse Dosse: “Espinosa revisitado então por Deleuze é o filósofo da arte de viver, de uma maneira que se permite combinar em uma harmonia as solicitações tanto de afeto como do conceito” (DOSSE, 2010, p. 126).

Reverendo as questões propostas por Gilles Deleuze no decurso da construção de sua filosofia, podemos destacar como orientações para uma pesquisa em educação: i) começar nossas pesquisas pelo que acontece e nos afeta e pede uma expressão, não pelo que se adequa a processos que apenas obedecem às normas da representação impostas pelo Estado, pela linguagem dominante, pelas imagens de mundo que fartamente inventam o que é o real; ii) estudar autores e pensamento outros é importante, porém é preciso olhar para a forma como esses autores/as organizam seus conceitos, como dispõem deles e com eles conduzem um pensamento que se faz por meio de uma engrenagem conceitual; iii) é preciso aprender a criar novas engrenagem de conceitos; iv) é preciso usar conceitos alheios e desloca-los das engrenagens de origem; v) é preciso dramatizar, não mais perguntar “o que é isso ou aquilo”, mas buscar entender quais perspectivas se colocam por detrás de cada objeto, situação, acontecimento, estudo; vi) problematizar nossas experiência e aquilo que nos acontece significa pesquisar ousando desocultar o que já se sabe sobre ou as repetições ocultas disfarçadas e animá-las pelo movimento da diferença; é preciso exercitar a prática da diferença.

⁶ Em 1968, Deleuze defende uma complementar de doutorado, *Spinoza et le problème de l'expression*. Na década seguinte de 1970 edita uma coletânea de textos escolhidos do filósofo. A introdução dessa será reformulada e republicada, após onze anos de sua primeira edição, com o título modificado para *Spinoza: Philosophie Pratique*.

Apontamento 2 - O rizoma entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo.

As anotações acima, contudo, nos conduzem a um estágio mais complexo na observação da filosofia deleuziana. Mostramos no apontamento 1 que, mesmo antes de seu encontro com Guattari, Deleuze já se colocava em posição de ruptura com as tendências contemporâneas que agitavam os intelectuais franceses, tais como: o marxismo, a fenomenologia e o existencialismo. Porém, é preciso entender que romper com determinados pontos de vista para fazer avançar o conhecimento filosófico, no caso de Gilles Deleuze, não significa romper mas avançar (WILLIANS, 2013). Achamos necessário trazer as décadas de 1950 e 1960, nas quais Deleuze começa o processo de criação de sua filosofia: por um lado próximo ao movimento estruturalista composto por intelectuais de várias áreas; e, por outro, operando com algumas ferramentas que circulavam no contrafluxo desse movimento.

É nesse contexto de busca de métodos próprios para as ciências humanas que esse pensamento singular vai traçando seus percursos conceituais e metodológicos. Segundo Peters, o desenvolvimento teórico do estruturalismo francês levou a institucionalização de um “megaparadigma” (PETERS, 2000). Tentamos apontar, nessa breve narrativa, os movimentos inquietantes de um autor na construção de um pensamento que não quer se deixar condicionar. Lapoujade (2015, p. 13) diz “para Deleuze, um movimento é tanto mais lógico quando mais escapa a toda a racionalidade”

Deleuze publica *Lógica do sentido* (1974) no ano de 1969 e nesse mesmo contexto escreve o texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, publicado 1972. A *Lógica do sentido* junto à *Diferença e Repetição* formam a matriz do pensamento deleuziano (GIL, 2000). Por maiores que sejam as remodelações conceituais nas obras posteriores, essas duas obras localizam um regime de pensamento. *Lógica do sentido* será uma verdadeira máquina de produzir séries e multiplicidades. Os conceitos que estão por ali aparecem no texto sobre o estruturalismo, ficando claro que o filósofo da diferença simpatiza com esse movimento e vê sua obra como parte desse processo (cf. WILLIANS, 2013 p. 85).

Voltando à questão posta por Deleuze (2010), podemos dizer com o filósofo que se reconhece o estruturalismo, pelos estruturalistas, são citados: Lacan, Lévi-Strauss, Foucault, Althusser. Antes mesmo de adentrarmos no tema dos critérios do estruturalismo, é preciso dizer que esse era um movimento de pensamento que buscava responder ao anseio por novos métodos por diferentes áreas das ciências humanas, métodos que dessem conta de cada campo específico. De maneira geral o estruturalismo privilegiava o signo a custo do sentido; o espaço em relação ao

tempo; o objeto ao invés do sujeito; a relação ao invés do conteúdo, a cultura ao invés da natureza (DOSSE, 2018).

Os anos 1950 e as décadas seguintes foram tempos de atenção a linguagem, período no qual para atender as especificidades das ciências humanas se criaram metodologias que tinham por base a ideia de que o fenômeno humano deveria ser estudado por sistemas formais. Esse cenário de turbulência metodológica foi influenciado por Saussure (1999). O conceito de estrutura veio a substituir a noção de sistema linguístico vindo da proposta saussuriana, na qual o signo e seus correspondentes, o significante e o significado, não eram propostos como elementos que retiravam da sua relação com o objeto aquilo que o representa; a compreensão do objeto vinha da oposição de um signo em relação a outros signos. Nesse sentido, o linguista compreendia que uma língua é “um sistema fechado de formas em mutua oposição e não um conjunto de conteúdos, noções ou significados” (DOSSE, 2018, p. 16).

Os autores citados por Deleuze buscavam se apoiar na pseudo neutralidade dualista do sistema linguístico, criando com esse sistema outras metodologias sobrepostas. Essas metodologias são organizadas como critérios que devem ser reconhecidos, porém superados. Como disse Williams a respeito dessas pontuações proposta por Deleuze, “a busca de critérios para o reconhecimento do estruturalismo é um exemplo de seu método, já que os critérios não são descrições objetivas ou resultados de uma pesquisa empírica” (2013, p. 88). Os critérios são: o simbólico; localidade ou posição; o diferencial e o singular; diferenciação⁷; o serial; o espaço vazio; do sujeito a prática.

Comentando as metodologias propostas pelos estruturalistas, Deleuze comenta no primeiro critério que a tradição nos condicionou a distinguir o real e o imaginário. Porém, no movimento estruturalista o simbólico é um conceito que será bastante utilizado, porém não se confunde nem imaginário nem com o real, uma vez que a ordem da estrutura [da linguagem] tem independência em relação a essas duas ordens. Tanto o imaginário quanto o simbólico se sobrepõem ao real, contudo a realidade que ambos pretendem alcançar, não é separável de certo ideal de unificação ou de totalização que já corresponde a ela, a realidade, como verdade. O real é uno em sua verdade e sempre se dirige a algo que previamente já lhe corresponde. O simbólico,

⁷ Deleuze distingue entre diferenciação e diferença no texto em questão. Diferenciação refere ao processo do atual ou ao entendimento do que se atualiza pelo momento do agora, já a diferença indica uma espécie de dupla análise fendida entre o formal e o informal que é própria do processo do virtual. Formal porque indica que já possui alguma referência na linguagem e na representação, informal porquê do ponto de vista do especulativo próprio do pensamento pode vir a ser algo outro.

entretanto, é elemento que se desdobra da estrutura linguística, pertence-lhe, mas como a estrutura não possui a forma sensível, não é uma figura da imaginação ou uma essência. O simbólico é de uma terceira ordem, do tipo arqueológica [Foucault], projeção da castração [Lacan], ordem interpretativa que permite reinterpretções profundas [Lévi-Strauss], uma fonte entre a interpretação e as criações vivas (Cf. DELEUZE, 2010).

Para definir o segundo critério, Deleuze aponta como elementos da estrutura o “local ou posição”, de modo a demonstrar que o elemento simbólico da estrutura possui um único sentido de posição. Ou seja, a estrutura é topológica, cada signo dentro dela se localiza em relação a outros signos. Não se trata de um local numa extensão real, nem de lugares em extensões imaginárias, mas de locais e de lugares num espaço propriamente estrutural. O que é estrutural é o espaço, um espaço inextenso, pré-extensivo, uma ordem de vizinhança, antes um sentido ordinal e não uma significação na extensão. “O estruturalismo não é separável de uma filosofia transcendental nova, onde os lugares prevalecem sobre aquilo que os preenche” (DELEUZE, 2010, p. 226). Deleuze ousava dizer que os estruturalistas substituíram a secularização da razão ocidental por uma outra ordem superior à própria realidade, a ordem dos signos ou da linguagem.

Outros elementos destacados pelos estruturalistas em suas metodologias que têm por elemento interpretativo o simbólico, referem ao “diferencial e o singular”. Esse terceiro critério refere as unidades de posição na estrutura da linguagem e apontam para o jogo do abstrato no modelo linguístico. Aqui Deleuze quer mostrar que a estrutura trabalha com uma relação que se dá não entre ideias e coisas, mas entre diferentes séries e suas relações. Ela é autorreferente. Deleuze vai se perguntar: existe estrutura em qualquer domínio? Em qualquer domínio podemos encontrar elementos simbólicos, relações diferenciais, pontos singulares? E responde que sim, onde há linguagem: elementos simbólicos definem a natureza dos seres e dos objetos e por meio de relações diferenciais a linguagem tanto atualiza relações reais entre seres como dispõe de posições, singularidades e os outros tantos lugares na estrutura linguística. A singularidades são formadas pela ordem dos lugares e distribuem os papéis ou as atitudes imaginárias dos seres e dos objetos e que vêm ocupá-los. Em cada domínio que a linguagem alcança é preciso descobrir os elementos, as relações e os pontos que formam uma conexão singular que habilita a interpretação simbólica (DELEUZE, 2010, p. 229).

As variáveis e outras funções que se apresentam, derivam da própria estrutura. Logo, o quarto critério que aparece em comum nos estruturalistas é o uso das noções de “diferenciador e de diferenciação”, essas insinuam que as estruturas não são necessariamente inconscientes, pois

possuem elementos, relações, pontos que as compõem. Toda estrutura é uma infraestrutura, uma microestrutura (DELEUZE, 2010, p. 230). Elas não são atuais, o atual é aquilo em que a estrutura se encarna. A estrutura não é nem atual nem fictícia, nem real nem possível. Pode se entendê-la como virtual, desde que o virtual não seja entendido como algo vago, o modo da estrutura ou como objeto da teoria. Ela é real sem ser atual, ideal sem ser abstrata.

Em síntese, para Deleuze, na noção de estrutura que deriva do sistema linguístico saussuriano, coexistem *os elementos, as relações e os valores de relações*, assim como todas *as singularidades* como funções próprias ao domínio considerado. Contudo, dirá “não há língua total” (DELEUZE, 2010, p. 231); mas totalidades, um virtual que se compõe como linguagem. Também frisa o autor “Não há sociedade total” (p. 231), “mas cada forma social encarna elementos, relações, valores de produção (por exemplo, capitalismo)” (p. 231).

O critério seguinte, o quinto, aponta para a série ou o “serial”. Nesse ponto, Deleuze vai comentar que o inconsciente lacaniano é metade da estrutura. Uma estrutura só se põe a mexer, só se anima, ao lhe restituirmos sua outra metade. Os elementos diferenciais em suas relações simbólicas organizam-se por séries. Os elementos simbólicos remetem a série da própria linguagem, constituídas por outros elementos simbólicos e outras relações da primeira, mas não se contentam em reproduzi-los ou em refleti-los no inconsciente.

No penúltimo e sexto critério, “a casa vazia”, o filósofo ainda se refere ao inconsciente lacaniano. Sobre esse diz que toda a estrutura envolve um objeto ou elemento paradoxal. Tal objeto está sempre nas séries correspondentes a outras séries, ele as percorre e se move nelas, não cessa de circular nelas, e de uma a outra, com agilidade extraordinária. Não existe uma ordem linear, uma causalidade linear entre estruturas, que conduza de uma a outra. Não há privilégio para as estruturas; nem mesmo as estruturas linguísticas podem passar por elementos simbólicos ou significantes últimos. As estruturas não se contentam em realizar outros modos que lhe correspondem quando desdobram por analogia métodos tomados de empréstimo da própria estrutura linguística, descobrem por si mesmas verdadeiras linguagens, mesmo não verbais, comportando sempre seus significantes, seus elementos simbólicos e relações diferenciais.

O sétimo critério tratará “do sujeito à prática” e vai apontar para os lugares da estrutura, esses só são preenchidos por seres reais à medida em que ela é atualizada. Os lugares já estão preenchidos ou ocupados pelos elementos simbólicos, no nível da própria estrutura; são as relações diferenciais que determinam a ordem dos lugares em geral. Portanto há um

preenchimento simbólico primário antes de todo preenchimento ou ocupação secundária por seres reais (humanos e não humanos). A casa vazia é um paradoxo porque esta é o único lugar que não pode e nem deve ser preenchido, nem mesmo por um elemento simbólico “ela deve guardar a perfeição de um vazio para deslocar-se em relação a si mesma, e para circular através dos elementos e variedades de relações” (DELEUZE, 2010, p. 244).

Ao final da leitura desses critérios começamos a intuir a relação dos mesmos com os elementos e princípios expostos no texto *Rhizome*⁸, afinal os critérios fazem inúmeras vezes menção a Lacan [1901-1981], a Lévi-Strauss [1908-2009], a Foucault [1926-1984] entre outros (como são apontamentos deixaremos aqui as citações subentendidas). O sucesso da enumeração desses critérios leva Deleuze a escrever *Lógica do Sentido*, em 34 séries diferentes (DOSSE, 2010). Mas a desconfiança e a leitura atenta à psicanálise lacaniana realizadas por Deleuze aproximaram-no do psicanalista Félix Guattari. Esse encontro foi frutífero. Derivou em um conjunto de obras ou em uma filosofia deleuziana-guattariana, que toca fogo na psicanálise e em outros métodos de interpretação do pensamento que se desdobravam da tradição.

Ao final desse apontamento que resume uma análise bastante densa e complexa do movimento estruturalista, podemos concluir que o elemento do simbólico derivado da estrutura da linguagem pode nos induzir a reduzir tudo que existe a linguagem. O simbólico, na sua sobreposição sobre o real i) desloca os sentidos e dá a interpretação do que se passa um leque de possibilidades; contudo, ii) nos joga de certa forma numa defasagem em relação a diferentes abordagens e formas de diálogo com várias áreas afins, uma vez que o jogo do signo pede a fixidez dos lugares e posições; iii) se por um lado multiplica as análises teóricas e metodológicas para abordar determinado fenômeno, por outro, impõe pela singularização uma forma de identificar o signo ao fenômeno e não o contrário, fixando previamente a ordem da sua significação; iv) revisa a noção de espaço porém fixando ao agora, ao atual, um traço interpretativo que o submete ao virtual, subordinando a realidade a outras ordens; v) em relação a noção de tempo o estruturalismo dimensiona à história determinadas condições, quando faz da interpretação uma ordem da estrutura submissa a outra ordem, a das relações pré-existentes à própria estrutura; para localizar um sentido entre vários sentidos possíveis, impõe organizar as séries; vi) por fim, é nas séries que os signos, o significante e o significado se repetem.

⁸ Edição no original em francês.

Ao refletirmos tais processos na pesquisa em educação, podemos entender que o estruturalismo nos legou a necessidade de envolver uma topologia, uma demarcação das relações entre os acontecimentos reais e virtuais, e assim concluímos que é preciso ir da prática aos conceitos para fins de alcançar novos deciframentos no campo do ensino aprendizagem, uma vez que é preciso compreender o que nos decifra – esse simbólico que nos atravessa e se mostra para além das ordens do visível e do vivível.

Apontamentos 3 - Pós-estruturalismo e rizoma.

A filosofia de Deleuze é um pensar, um propor e um criar de uma máquina de análise de conceitos que vê na linguagem e na ruptura de determinados procedimentos metodológicos um modo de operar com os conceitos (NEGRI, 2019). O produto máximo desta máquina é uma interpretação do mundo que se faz num processo constante de criação de novos sentidos e conceitos. Dos tempos de construção de sua filosofia, onde o estruturalismo é muito presente, até o encontro com Guattari, quando circulam as primeiras publicações de ambos, a linguagem se tomará um lugar de pós-linguagem; ou seja, haverá uma ruptura com a linguagem tal como a propõe o movimento estruturalista.

Para Peters, “o pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade” (2000, p. 25). Afirmar também que o pós-estruturalismo é inseparável da tradição linguística e das interpretações estruturalistas dos já citados Lacan (1988), Levi-Strauss (1976), Foucault (2013), entre outros.

Diferente de *Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 1972), obra produto de um pós 1968, *Mil platôs* (1980) veio ao mundo em tempos de calmaria. Deleuze, ao localizar métodos em outros autores, instiga a criar metodologias próprias, mas quando se reúne a Guattari avança nessa direção, dizendo que é preciso criar novas linguagens e constituir novas formas de abordagem em ciência humanas. Essa dupla de autores chama o *Mil platôs* de um projeto construtivista. No início dessa obra propõem o Rizoma, como um processo metodológico que permite acessar a realidade pensando a própria realidade e os sujeitos que a interpretam como multiplicidades, que não supõem uma unidade, totalidade ou remetem a um sujeito.

A *Lógica do sentido* (DELEUZE, 1974) já movimentara uma teoria das multiplicidades e uma lógica do acontecimento (ZOURABICHVILI, 2016). Tais análises indicam que as subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos nos quais se produzem e

aparecem as multiplicidades. As multiplicidades possuem características, são elas: as *singularidades*; suas relações que são *devires*; os acontecimentos que referem as *hecceidades* ou individualizações sem sujeito; os espaços-tempos, que são *livres*; e, por fim o *rizoma* em oposição ao modelo da árvore é a forma dessa antiestrutura; que possui ainda um plano de composição, não linear e se constitui por *platôs*, que podem ser entendidos como zonas de intensidade contínua; tais zonas são atravessadas por vetores que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 8).

Como avançavam rápido em muitas direções, nessa obra múltipla que trata ao mesmo tempo de ética, política e estética, precisaram listar alguns princípios em torno dos quais a criação de conceitos e a produção de novos conhecimentos pudesse se pautar. Esses princípios, como se verá, desdobram os critérios do estruturalismo e os conceitos que por lá circulavam. Podemos dizer, rupturam com os critérios fazendo a análise avançar. Dizem os autores que estes princípios estão à disposição de uma lógica irracional, à serviço de um mundo sem sujeito, que não pode fazer sequer dicotomia, ainda que acesse unidades de ambivalência e sobredeterminação na dimensão suplementar que implica seu objeto.

Mas o que é o rizoma nele mesmo? Uma vez que possui formas diversas, extensão superficial, ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos? Os autores respondem que não convencerão ninguém sobre essa metodologia (que em relação à tradição se coloca como uma antimetodologia) se não enumerarem características aproximativas do rizoma e princípios.

O primeiro e o segundo princípios são proposto juntos “conexão e heterogeneidade” e fazem avançar dois dos critérios estruturalistas, o do local e da posição que correspondem a diferenciação [atual] e diferenciação [virtual]. Indicam o Rizoma como epistemologia que permite a construção imagética e conceitual do real, que o explora de um modo diferente da estrutura linguística já que não possui lugares e posições fixas por ocupar. O Rizoma não é nem horizontal nem vertical, mas um composto de ramificação flexível, um instrumento que revela o real como fragmentário e fragmentado. Tais fragmentos só podem ser analisados se conectados em plano que reúna diferentes áreas e dimensões que se ligam ou se associam temporariamente para abordar a realidade (ZOURABICHVILI, 2004). Mostram que tal arranjo, em rede ou cadeia sobreposta, permite não remeter necessariamente a um traço linguístico. Essa ordem pode alcançar cadeias semióticas e modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas,

econômicas, etc., colocando o que reúne num jogo de forças que remete não somente a regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.

É nesse contexto que surge o conceito de agenciamento⁹ coletivo de enunciação que funciona junto aos agenciamentos maquínimicos, porém não permitem estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. Em se tratando de linguística mesmo quando a pretensão é dar atenção ao explícito e nada supor vindo de modo prévio da linguagem ou da representação, cada que se permanece no interior das esferas de um discurso, surtem modos de agenciamento e tipos de poder sociais particulares (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14). Nesse sentido, que o rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais para fins de poder analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros.

O terceiro princípio é o da “multiplicidade” que deixou de ser simbólico e de remeter a um entre o real e o imaginário para ser entre estruturas. Deleuze e Guattari comentam que somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, deixa de ter relação com o uno, sujeito e objeto, realidade natural e espiritual, imagem e mundo. A multiplicidade possui somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade) (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

O quarto princípio é a ruptura a-significante, que pode estar substituindo a *casa vazia*, pois trata dos cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. Afinal, todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo às quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc., mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Os grupos e os indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização. Sim, a grama é também rizoma. O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). O rizoma é uma antigenealogia (p. 18-19).

⁹ O conceito de agenciamento remete as instituições, as formas dos regimes de signo [saber] e as relações materiais correspondentes [poder] que nos atravessam, as subjetividades que nos abarcam desde o campo de experiência; cada indivíduo lida com seus agenciamentos sociais definidos por códigos específicos, códigos que se manifestam de forma estável e que possuem um funcionamento reprodutor.

Aconselham, então, a seguir o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com n dimensões, com direções rompidas; a conjugar fluxos desterritorializados. Dizem ainda que escrever é fazer rizoma, e fazer rizoma é aumentar o território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina abstrata (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

O quinto e o sexto princípios do rizoma trazem a “cartografia” e a “decalcomania”, pelos quais parece fazer avançar o diferencial e o singular. Esses dois elementos indicam que um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. Do eixo genético ou da estrutura profunda, dizem que são antes de tudo princípios de *decalque*, reprodutíveis ao infinito. Afinal, toda lógica tal qual uma árvore é uma lógica do decalque e da reprodução. Essa lógica rígida e reprodutiva se apresentam tanto na linguística como na psicanálise, já que ambas têm por objeto um inconsciente, representante, cristalizado e complexificado pelos codificados, repartido sobre um eixo genético ou distribuído numa estrutura sintagmática (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20).

Em suma, o rizoma é *mapa e não decalque*. O mapa se opõe ao decalque por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21). O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. Não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao

qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$).

Tem-se, enfim, que como uma multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma, sem se metamorfosear, o rizoma é oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições. O rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. O rizoma é, deste modo, uma antigenealogia, uma memória curta ou uma antimemória.

O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que devem se sobrepor e referir aos mapas e não o inverso. Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados.

No final desse terceiro apontamento, podemos dizer que a filosofia deleuziana e a análise deleuziana-guattarina nos inspiram a problematizar i) os limites dos espaços em que se nos inserimos para trabalhar como docentes, limites que muitas vezes vêm do que aprendemos a chamar de normal ou real; ii) as práticas docentes e as rotinas da escolarização, como planos que se sobrepõem e interagem com outros planos; iii) o que tais práticas desdobram de seus vividos nos espaços educativos quando expandem a noção de interpretação; iv) tais análises buscam com esse estímulo à diferenciação, traduzir em escritas acadêmicas experiências problematizadas por profissionais que sentem-se incapazes de expressar temas que os convocam através de representações identitárias; v) são propostas e projetos de estudo¹⁰ que, algumas vezes borram as linhas limítrofes do campo educativo; vi) ultrapassam a representação da docência nas condições

¹⁰ São pesquisas que vem se desenvolvendo no Rizoma: Laboratório de pesquisa em filosofia da diferença e arte educação ligado a Linha de Linguagem, corpo e estética, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Curitiba.

de sujeitos/as múltiplos/as, singulares, únicos, em seus modos de experimentar novas práticas, no ousar novos modos de ensinar e aprender; vii) por fim, são experimentações ora teóricas, ora metodológicas, que arriscam-se a propor procedimentos e estratégias educativas que introduzem elementos incomuns ao meio, deslocando os arranjos dominantes.

Podemos ainda dizer que o conceito de diferença atua como força ativa que nos convoca a deslocar modelos e criar nossas próprias técnicas de formação, faz traduzir para outros campos elementos e técnicas vindos dessa arte; de sensibilização e humanização e inumanização, técnicas que rupturam com os princípios ontológicos e metafísicos da tradição, quando introduzem outras narrativas genealógicas, ou outras micronarrativas. Tais atividades se reúnem aos elementos e princípios do Rizoma, para fins de sensibilizar no processo de ensino aprendizagem outros modos de valorar os recursos humanos e inumanos que nos habitam.

Concluindo

O Rizoma, tal como Gilles Deleuze e Felix Guattari (2014, 1995) o conceberam, não se reduz à forma do múltiplo ou implica em método de entendimento de mundo que forje uma dimensão superior; ao contrário, é um procedimento que busca ser simples e sóbrio. Escrever é encontrar uma matéria com a qual se faz conexões, entre o interior e o exterior, se expressa signos e significantes no ato de subtrair o único da multiplicidade e constituí-la ao modo de uma escrita singular ou escrita a -1. Em *Kafka: por uma literatura menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2014), os autores disseram que escrever é um ato político. É preciso que a máquina literária se torne máquina revolucionária, por vir. É preciso criar formas de expressão para as práticas educativas que se voltam em direção a um combate à massificação das formas de ensinar a aprender.

Quando ousamos utilizar o Rizoma como perspectiva para a produção de um novo olhar para as práticas e para os conhecimentos que essas práticas estão ensejando em educação, somos convocadas a produzir o mapa dos diversos caminhos que se perfazem quando se pesquisa o acontecimento no campo educativo. Campo composto por rotinas que fixam as coordenadas modernas do espaço e do tempo para o aprender, em cronogramas, currículos, avaliações, disciplinas. Compreendemos que são variadas as questões que se impõem previamente ao trabalho docente. Podemos entender que o Rizoma é uma ferramenta para pesquisar o novo, o diferente; uma pesquisa que se volta ao chão, à vida, aos contornos do chamamos de modos de

vida; é análise do que está sempre em movimento nos questionando, nos indagando, o que está aí e ao mesmo tempo está sempre por vir entre os vazios das estruturas, entre os espaços por preencher dos lugares e dos pensamentos.

Problematizar as dinâmicas de uma vida profissional de educadora conduz nessa análise que se pré-dispõe à diferença, a que se traçam os mapas. A que se localizem nossos modos de conexão com os ambientes de formação, as posições que ocupamos e as posições que nos avizinham, que traçamos as forças atravessam esses espaços e suas formas de organização. Após a visualização (localização) desse solo de empírico imanente, é preciso convidar conceitos, teorias e conhecimentos pré-postos para desenhar o problema. Problematizar os processos pode impingir contemplar as pegadas deixadas, os caminhos que se mantêm abertos ainda por seguir, e os que se repetem nas rotinas profissionais. O traçados dos lugares, das posições de ocupação dos espaços (territórios), permite que os conceitos adentrem as brechas do objeto e contribuam para localizar forças que se instalam e se alinham na construção de uma vida profissional.

Pensar a pesquisa como mapa aberto, no qual sujeito e objeto se neutralizam na perspectiva de um empirismo transcendental, que faz do pensamento um tradutor do percurso e em que pesquisador está inserido como sujeito múltiplo; isto é, a cada vez de um jeito. Pensar é jogar dados e todo o percurso possui suas derivas. É preciso colocar os bons problemas, fazendo distinção entre o que se repete ou pede repetição e o transitório e afeito a transitoriedades. O que às vezes implica certo desconforto de ter que recomeçar muitas vezes um processo de pesquisa, construir e reconstruir as próprias linhas e traçados, os caminhos ainda por fazer. Delimitar o problema e os objetivos, as relações desses com as linhas de pensamento e conceitos selecionados, conduz a que façamos dos instrumentos teóricos pontuações ou delimitações que se põem como guia para a elucubração das jornadas observadas.

Para escrever e pesquisar com Gilles Deleuze e Félix Guattari, é preciso dar um espaço preferencial para o que acontece, para o que se passa nos ambientes educativos, nas instituições, com os grupos, no que é vivido na experiência profissional, que muitas vezes não se separa da vida pessoal. Tecer uma escrita a partir da experiência requer pontuar, mapear, localizar as relações e os arranjos nos quais uma experiência docente se organiza. Olhar para a disposição empírica dessas relações concretas, buscar o que nelas impede a fruição, desdobrar esses impedimentos em suportes conceituais, fazer o trabalho de entrelaçamento dos conceitos. Por fim é preciso compor relações virtuais, a ordem dos conceitos numa escrita, escrever e reescrever,

entrando nas tocas de um devir escrita, criar uma geometria conceitual sobre posta a geometria empírica, e seus elementos, os conceitos devem servir de pontuação de uma geonarrativa.

Referências

CUNHA, C. M. Princípios da cartografia e o pensamento da diferença em deleuze – o que quer a pesquisa cartográfica? **Atos de pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 934-959, 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8051/4451>. Acesso em: 10 ago. 2020.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, G. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? *In*: DELEUZE, G. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2010. p. 221-247.

DELEUZE, G. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Ed. 34, 2017.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Imago, 1972.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka – por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v.1.

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DOSSE, F. **Gilles Deleuze e Félix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. São Paulo: UNESP, 2018. v. 1.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GIL, J. **Uma reviravolta no pensamento de Deleuze**. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HARDT, M. **Gilles Deleuze um aprendizado filosófico**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LACAN J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1 edições, 2015.

LÉVI-STRAUSS, C. **Estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

MACHADO, R. **Deleuze, a arte e filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MACHADO, R. Introdução. *In*: DELEUZE, G. **Sobre o teatro: um manifesto de menos, o esgotado**. Rio Janeiro: Zahar, 2010.

NEGRI, A. **Deleuze e Guattari: uma filosofia para o século XXI**. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1999.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.